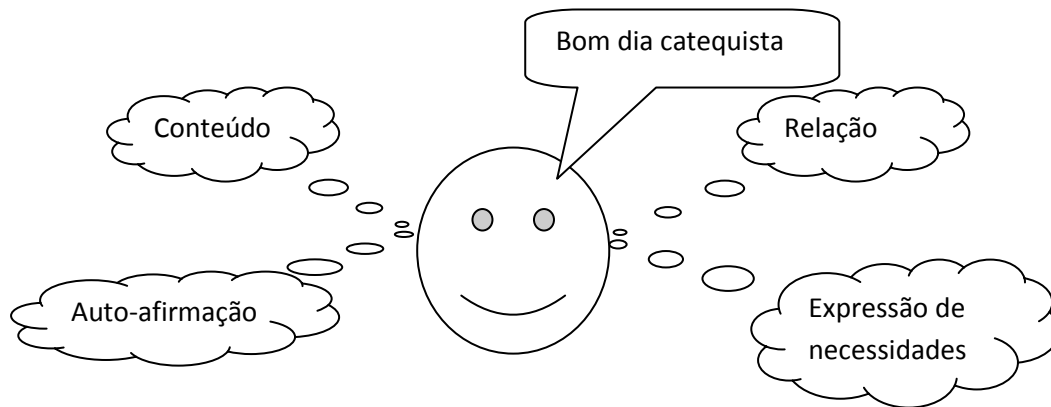


Utilizar na comunicação ... 4 ouvidos

Desafio para a relação catequética

Estimado catequista, imagine que se encontra com o “Luís sorriso” no pátio do centro paroquial. O Luís Sorriso vai cumprimentá-lo de forma simpática e agradável. Catequista quantos ouvidos vai utilizar o para escutar o Luís Sorriso? Tem a certeza que são dois? E porque não quatro em vez de dois? Ora veja bem o desenho:



Com um simples bom dia, quantas mensagens pretende o Luís Sorriso transmitir (mesmo que inconscientemente)? Quantos ouvidos o catequista é desafiado a ter para o escutar?

Shulz von Thun, um especialista alemão em comunicação, afirma que temos “vários ouvidos comunicacionais”, pelo menos quatro.

O ouvido Conteúdo: “Bom dia” - é uma saudação amigável.

O ouvido Relação: Trata-se de uma abordagem entre catequista e catequizando, baseada nos laços da amizade e da comunidade de fé.

O ouvido Expressão de necessidades:

Pela saudação o Luís informa o catequista que gosta de ser saudado e que este gesto lhe recorda momentos agradáveis, já vividos no passado.

O ouvido Auto-afirmação:

O Luís precisa que o catequista lhe dê importância e o “bom dia” é um pretexto para receber atenção e revelar o desejo de reconhecimento do seu valor pessoal.

Com o **“ouvido conteúdo”** o catequista é desafiado, em qualquer acto de comunicação, a estar atento à linguagem do catequizando. Cada palavra tem uma mensagem, revela a intencionalidade e os desejos conscientes do catequizando. A escuta precisa de ser atenta, delicada, intuitiva... Mas a palavra não é apenas conteúdo!

Que me quer dizer, hoje, o catequizando com o seu “bom dia”?

Com o **“ouvido relação”** o catequista escutará a força dos laços que o unem ao catequizando. Por detrás da entoação, das expressões faciais, da proximidade ou distancia física revela-se a densidade do encontro ou desencontro, o estado da alma do catequizando! A força e poder do encontro entre catequizando e catequista.

Atendendo a que a relação humana é o primeiro acto catequético, como não dar um espaço privilegiado à mensagem relacional que nos oferece um simples bom dia?

Que tipo de encontro, de gesto, de proximidade ou distância precisa hoje o catequizando?

Como o **“ouvido da expressão de necessidades”** o catequista poderá dar-se conta da necessidade de carinho, afecto, compreensão, reconhecimento emitido numa simples frase. Todo o ser humano precisa de ser aceite, estimado, reconhecido como único! O catequizando, que nem sempre experimenta uma relação de reconhecimento e carinho no lar, tem o direito de esperar do seu educador na fé, os mesmos gestos, a mesma profundidade de reconhecimento e de amor que oferecia Jesus Cristo nos caminhos da Galileia e da Judeia! O amor cura quando reconhece no outro a dignidade e potencialidades. Como poderá um evangelizador não atender ao “ouvido da expressão de necessidades” não o testemunha Jesus? Através do pedido da cura física, o doente suplica a cura da alma!

Que necessidade, hoje, revela o catequizando? Que gesto ou palavra são necessários para que se sinta acolhido e amado?

Com o ***“ouvido da auto-afirmação”*** o catequista descobre o desejo que o catequizando revela em ocupar o seu lugar na relação com o catequista e no seio do grupo. “Um bom dia” é um eis-me aqui, tenho um espaço no vosso grupo, no vosso tempo, nos vossos pensamentos, nos vossos projectos, nas vossas actividades... Cada ser humano precisa de se saber útil e indispensável no grupo, apreciado pelo que é e faz.

Que lugar quer ele ter hoje no grupo? Quer estar em silêncio ou ser protagonista? Que motivações o movem hoje?

No seu livro “optimismo e inteligência emocional” Luís Neto e Helena Marujo afirmam: «A ideia interessante “nos quatro ouvidos” é que qualquer comunicação, ainda que banal e quotidiana como a saudação, aponta sempre para além de si própria.

Para ser integralmente compreendido, cada acto de comunicação evoca contextos e significados muito mais amplos do que o simples “acto de fala” directamente observável. Se aos peixes, o mais difícil de perceber é a própria água em que nadam, também a nós seres humanos, a comunicação pode tornar-se, por vezes, opaca e incompreensível, ***habitualmente, vivemos em “piloto automático”*** relativamente às comunicações que constituem o nosso mundo interpessoal, isto é, não temos consciência da própria comunicação em que vivemos. Excepto quando as “coisas” correm menos bem... Aí perguntamos o que é que está a acontecer à água em que nadamos. Todas as mudanças pessoais e relacionais começam por aí.»

Em catequese o acto de comunicação interpessoal deve ser o mais consciente possível. Não sendo um espaço de ensino de conteúdos mas de Iniciação à vida na fé, em fidelidade à Boa Notícia de Jesus, a primeira exigência da catequese é o amor, sinal do Reino. E o amor é comunicação profunda do Ser com outros Seres! De profundidade a profundidade. A relação humana de qualidade é a primeira Boa Notícia do Reino!

Os quatro ouvidos lançam o desafio de uma escuta atenta e activa. Só quem escuta pode responder às solicitações! E só escuta quem se treina na arte do silêncio.

Que desafios oferece a comunicação aos catequistas?

----Na sua vida quotidiana, o catequista é desafiado a (algumas sugestões concretas):

Criar espaços de silêncio

Não só silêncio de palavras mas também o silêncio do pensamento (para se tornar disponível aos outros). Como fazer? Dedicar algum tempo a olhar para um elemento da natureza, contemplando sem pensar (mar, planta, voou de um pássaro, jogo de uma criança, gestos quotidianos - olhar alguém a cozinhar, a limpar o pó...) tentando não pensar, não julgar, não classificar, não cogitar o passado ou futuro! É o desafio de tornar o presente consciente e denso, tornar consciente cada minuto... Este exercício é difícil e requer bastante treino até ser assimilado e tornar-se competência... Embora exija esforço, é uma ferramenta valiosa para a qualidade de vida pessoal, social e espiritual. Escutar o silêncio torna a escuta activa e desenvolve capacidades inestimáveis permitindo uma comunicação interpessoal mais rica, atenta e humana!

Criar espaços de oração

Orar por cada catequizando, recordar as suas palavras e colocar toda a sua realidade nas mãos do Pai... esta atitude interior torna a relação entre catequista e catequizando mais profunda, mais próxima da verdade de cada um, mais sensível, mais empregada do Espírito e da sabedoria do Reino. A partir da oração, torna-se consciente a noção de irmãos e densos os laços. Jesus rezava assim ao Pai: «Não rogo só por eles, mas também por aqueles que hão-de crer em mim, por meio da sua palavra, para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste.» (Jo 17, 20-21)

Criar momentos de “olhares”

Olhar cada catequizando, sem pensar, sem o julgar, apenas olhar assimilando toda a sua forma de ser e estar. Porque não sentar-se junto do espaço em que jogam uns com os outros para descobrir a personalidade do catequizando, a sua relação no grupo, os detalhes da sua linguagem e postura? Este tempo de pausa e de contemplação do outro é fundamental. É um exercício que permite compreender além das aparências as cores da vida de cada um. Quem ama conhece e quem não conhece não ama!

---Na sua experiência de fazer catequese o catequista é desafiado a (algumas sugestões concretas):

Criar momentos de diálogo pessoal

A relação catequética não pode limitar-se à relação com grupo. Hoje, as ciências da educação apontam para a necessidade de individualizar a relação pedagógica a fim de atender à especificidade de cada formando.

Para nós catequistas, esta noção não é novidade, o Mestre deixou o exemplo. Na sua forma de catequizar Jesus começa sempre por uma relação pessoal que lhe permite chegar ao âmago do interlocutor. A realidade de cada um, o seu desenvolvimento humano e espiritual são o ponto de partida a partir dos quais Jesus realiza os gestos e palavras que curam. A uns reconhece a muita fé, a outros a pouca fé, a outros ainda pede-lhes que sejam activos na sua cura... e ainda com outros fica surpreendido pela sua atitude!

Em catequese precisamos de procurar momentos de diálogo particular com cada catequizando, com a postura gratuita de quem acolhe e oferece o seu tempo. Estes momentos significativos fazem da catequese uma “iniciação à vida” e não uma escola de saberes. Queres ensinar como se ama? Ama! Escutar, acompanhar, dar atenção, dialogar testemunha o Cristo vivo entre nós!

Criar espaços de partilha de experiências no grupo

Para além de criar uma relação próxima e profunda, com o catequizando, o catequista é chamado a oferecer condições para que o grupo desenvolva entre si laços fortes e significativos. Trata dum processo complexo e indispensável que exige destreza e uma atenção particular por parte do catequista. Esta tarefa não é secundária quando se trata de iniciar à vida na fé. A relação de qualidade no grupo é condição essencial para dizer-se discípulo de Jesus. Quem não cuida a sua relação com o irmão não está em processo de conversão e de desenvolvimento humano e espiritual.

Como fazer? Perguntará o catequista. Sabemos o quão complexas são as relações entre os catequizandos. É possível responder ao desafio a partir de alguns elementos essenciais: uma atenção “aguda”, assertividade e aplicação sistemática de alguns gestos ao longo do ano catequético.

- a) Atenção aguda: Para que se instale um clima de confiança e partilha o respeito entre os membros do grupo deve ser absoluto, o que exige atenção a qualquer palavra ou gesto inadequados. Estes devem ser tornados conscientes e conversados!
- b) Assertividade: o catequista deverá estar atento às suas próprias palavras e agir de forma adequada na gestão da comunicação interpessoal no grupo;
- c) Realizar algumas actividades que facilitam a “iniciação à vida comunitária” no grupo:
 - Partilhar na oração as alegrias e dificuldades experimentadas ao longo da semana (treino progressivo desde os primeiros anos de catequese. A proximidade e a confiança constroem-se). Em cada catequese seria necessário dar espaço a esta partilha.

- Realizar vários jogos que permitam a integração e comunhão, por exemplo o jogo do amigo invisível (entregar a cada catequizando o nome de um colega, por sorteio. O amigo deve cuidar do outro ao longo do tempo estipulado sem se revelar tentando manter o anonimato. No dia indicado - após um mês ou dois - celebra-se o momento do encontro dos amigos no qual se desvendará quem é amigo de quem. O amigo tem várias tarefas: rezar pelo outro, oferecer pequenos presentes e mensagens, ajudar na dificuldades... porta aberta para a criatividade)
- Criar dinâmicas de envio de mensagens personalizadas em momentos especiais;
- Desenvolver espaços de entreaajuda;
- Celebrar os aniversários;
- Criar espaços de jogos e de encontros fora do tempo da catequese;
- Proporcionar fins-de-semana em grupo;
- Realizar acções de solidariedade em grupo;
- Criar espaços de festa;
- Visitar um colega doente...

Movemo-nos na “comunicação” somos comunicação. A mais densa e significativa comunicação acontece de profundidade a profundidade, aí onde se diz e se dá o ser. O catequista, sendo testemunha do Reino, comunica a Boa Notícia, de forma particular “com o que é”. Por isso, cuida o seu interior, cuida a relação com Deus e com os outros, está “a caminho” “em conversão permanente”.

Hoje, grande número de famílias não têm espaço para exprimir pensamentos, sentimentos e experiências, por isso a catequese não pode demitir-se de ser o que é chamada a ser: um lugar por excelência de comunicação de “vida”.